

A variação linguística e os desvios ao padrão europeu no ensino do português em Angola: o caso da cidade do Luena

Abel Alcino *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0005-1395-7121>

RESUMO

O artigo pretende, no essencial, abordar a problemática dos desvios à norma padrão no ensino da língua portuguesa no Luena. Dentre as várias indagações que levanta, destacam-se as seguintes: Quais são os limites do ensino da gramática normativa no ensino do português no Luena? Que implicações resultam do ensino da língua portuguesa quando se desrespeitam as variedades locais que constituem as línguas dos alunos? Parte-se do princípio de que a peculiaridade comunicativa é uma realidade universal às línguas, porquanto, toda a língua comporta variações em função dos traços identitários dos seus interlocutores e das condições sociais de produção. Assim, o conhecimento das variedades inerentes à língua e à sua legitimidade regional impedem, na acção didáctico-pedagógica, a punição das variedades que constituem desvios à norma padrão europeia e a imposição da língua padrão desrespeitadora das outras variedades da língua e possibilitam a aquisição da competência comunicativa. É objectivo geral do estudo contribuir para o conhecimento e a caracterização linguística da cidade do Luena, e especificamente visa verificar se a norma vigente na cidade do Luena coincide com a norma padrão, enquadrar uma reflexão sobre o ensino da língua portuguesa no Luena e comparar as divergências linguísticas entre as amostras de falantes luenses e a norma padrão europeia. Metodologicamente, conduziu-se pelos métodos de pesquisa bibliográfica, análise e síntese, e dedutivo-indutivo.

PALAVRAS-CHAVE

Variedade linguística; Norma padrão; Desvios.

Linguistic variation and deviations from the European standard in teaching Portuguese in Angola: the case of the city of Luena

ABSTRACT

The article intends, essentially, to address the issue of deviations from the standard norm in Portuguese language teacher in Luena. Among the various questions raised, the following stand out: What are the limits of teaching normative grammar in teaching Portuguese in Luena? What implications result from the teaching of the Portuguese language when the local varieties that constitute the language of the students are disrespected? Starting from the principle that the communicative peculiarity is a universal reality to languages, since every language involves variations depending on the identity traits of its interlocutors and their social conditions of production. Thus, the knowledge of the varieties inherent to the language and its regional legitimacy prevent, in the didactic-pedagogical action, the punishment of the varieties that constitute deviations from the European standard norm and the imposition of the standard language that disrespect the other varieties of the language and make possible the acquisition of the communicative competence. The general objective of the study is to contribute to the knowledge and linguistic characterization of the city of Luena, and specifically aims to verify whether the current norm in the city of Luena coincides with the standard norm, theoretically frame a reflection on the teaching of the Portuguese language in Luena and compare linguistic divergences between samples of Luense speakers and the European standard norm. Methodologically, it was conducted by the methods of bibliographical research, analysis and synthesis and deductive-inductive.

* Mestrando em Linguística portuguesa (ISCED-Sumbe), licenciado em Linguística portuguesa (ISCED-Huambo) e docente de Língua portuguesa no Magistério 4 de Abril do Moxico. Co-autor da obra Antologia Lusófona Língua e Voz (2021), autor da obra literária Os deuses filhos dos diabos (2022), e colunista no Jornal O País. E-mail: abelalcino10@gmail.com

KEYWORDS

Linguistic variety; Standard norm; Deviations.

Kulitepesa kulimi nhi kulihandununa ku kuhandjika ku kulongesa phutu mu Angola: kutuala ha thungo ya Luena

RESUMO EM COKWE

Kusoneka aci cinahanjika kutwala hakulihandununa ku kuhanjika nyi kukulongesa phutu mu mbonge ya Lwena. Ha ipikalo inji inahanjika, yalisakulako ino: Aliwo masongo hakutwala ku mukanda wa phutu ku kulongesa phutu mu mbonge ya Lwena? Ipikalo ika yakusoloka ku kulongesa limi lya phutu nyi kexi kuvumbika malimi akwo waze akuhanjika andonge? Kutwala ha kuhandununa kulimi cili ku malimi eswe, mumu malimi eswe kakulihandununa kukuhanjika ha muthu nyi muthu. Aco, inyingi yakulitepesa kulimi lya phutu nyi kutwala ku umwenemwene wa limi ha limwe thungu yakumanyisa, ku kulongesa, kuhona kutaiza kulitepesa ku limi lya kulongesa nyi kusa kutaci limi lyakusongwela lize lixikuhasa kuvumbika kuhanjika calisala nyi cixikuhasa nawa kupwa kuhanjika kanawa limi. Mutwe wakulilongesa uno unatwala hakuweza kunyingikika kulisasa ku limi mu mbonge ya Lwena, nawa muwutala nyi limi lyakusongwela phutu mu Lwena lyalifa nyi limi lyakusongwela mu mbonge inene ya phutu, nawa muyitala kulifa nyi kulitepesa ku limi hakutwala ku kuhanjika kuli akwa Lwena nyi limi lya kusongwela phutu mu Eulopa. Kutala hakusongwela, yalisongwela kukufupafupa mu mikanda ikwo, kusakula nyi kutepesa, nyi kutala mu ukehe nyi mu unene.

Maliji alemu

Kulihandununa ca limi; Limi lya kusongwela; Kulitepesa.

Introdução

Angola vive uma situação linguística em que a língua portuguesa convive permanentemente com as línguas nacionais do grupo bantu e não-bantu, porquanto, o país sofreu uma colonização portuguesa que acabou suplantando o português como língua oficial e língua exclusiva de escolarização. A pluralidade de línguas faladas no país torna Angola numa nação plurilingue e permite que as línguas nacionais coabitem com a língua portuguesa e, concomitantemente, ocasionem o fenómeno da variação linguística.

A norma padrão é definida como o instrumento de regularização linguística de uma determinada língua. Ela é composta por um conjunto de falas das camadas mais cultas de uma determinada sociedade. Para o português, considera-se a norma padrão a variedade falada pelas camadas cultas de Lisboa e Coimbra (Português Europeu, PE) e a variedade falada pelas camadas cultas dos centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro (Português Brasileiro, PB). As variedades africanas ainda não possuem uma norma padrão, pois, têm como norma padrão a variedade culta do português europeu, entretanto, já existem vários projectos nos diversos países africanos de expressão portuguesa para a construção das suas próprias normas.

O ensino da língua portuguesa em Angola e no Luena particularmente é marcado pelo uso da gramática normativa coadjuvada pela metodologia de ensino metalinguística, sem espaço para a reflexão da língua e punindo as demais variedades que constituem

desvios à norma padrão do português europeu, concomitantemente, ocasionando a inaptidão da aquisição das competências comunicativa e linguística. Tendo em conta o problema acima postulado, parece justo levantar-se as seguintes indagações: Quais são os limites do ensino da gramática normativa no ensino da língua portuguesa no Luena? Que implicações resultam do ensino da língua portuguesa quando se desrespeita as variedades locais que constituem a língua dos alunos?

Ora, levando-se em conta as indagações levantadas, o presente artigo objectiva de modo geral contribuir para o conhecimento e a caracterização linguística da cidade do Luena. E de forma específica visa verificar se a norma vigente na cidade do Luena coincide com a norma padrão europeia, enquadrar teoricamente uma reflexão sobre o ensino da língua portuguesa na cidade do Luena e, finalmente, comparar as divergências linguísticas entre as amostras de falantes luenenses e a norma padrão europeia.

Metodologicamente, o referente artigo é um estudo de caso, porquanto, frisou de forma restrita a situação do ensino da língua portuguesa na cidade do Luena e, em virtude da sua complexidade, recorreu-se à descrição linguística com base na observação directa do fenómeno em sala de aula, usando a modalidade qualitativa na análise dos fenómenos lexicais, morfossintáticos e semânticos. Serviu-se também dos métodos de pesquisa bibliográfica, análise e síntese e dedutivo-indutivo. A pesquisa bibliográfica utilizou-se na recolha de acervos para a fundamentação do *corpus* da pesquisa, a análise e a síntese foram utilizadas na interpretação das informações colhidas, a dedução e a indução permitiram particularizar e generalizar a pesquisa no Luena e em Angola concomitantemente; ainda no decorrer da pesquisa, descreveu-se, igualmente, os fenómenos linguísticos que decorrem da coabitação linguística.

1.A variação linguística do português

A língua portuguesa teve a sua origem no latim vulgar, língua falada pelos soldados romanos e pelos mercadores no âmbito da romanização da Península ibérica, provém do ramo itálico da família das línguas Indo-europeias e pertence ao subgrupo das línguas românicas ou novilatinas, tal como o corrobora Borregana:

O português proveio do latim, que, sendo a mais importante língua do ramo itálico, deu origem não só a língua portuguesa, mas também a todas as línguas novilatinas ou românicas: italiano, sardo, provençal, francês, catalão, castelhano (espanhol), romeno, reto-romano e dalmático. (BORREGANA, 2012, p.79).

A língua portuguesa, após a fase da sua gestação, maturação e com a expansão marítima portuguesa, transformou-se numa língua de vários povos e de várias nações pelo mundo, por conseguinte, criando uma comunidade internacional de falantes do português, a CPLP.

A língua portuguesa é partilhada por 240 milhões de falantes. A comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é constituída por nove Estados-membros: Angola, Brasil, Cabo verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial [?], Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste. (JORGE, 2014, p.19).

Neste ínterim, a língua portuguesa fez-se uma língua multicultural e por este facto ela inevitavelmente apresenta variações nos seus diversos âmbitos. Variação “é a propriedade inerente às línguas de se modificarem em função da área geográfica, da sociedade e do tempo.” (CUNHA e CINTRA, 2014, p.5). Os estudos sobre a variação linguística emergem no domínio da Linguística com o surgimento da Sociolinguística como campo da Linguística que estuda as relações entre a língua e a sociedade. Todas as línguas do globo apresentam variações e a língua portuguesa não se excepciona, ela apresenta variações resultantes das diferentes situações idiossincráticas. Duarte afirma:

A mera observação do que se passa à nossa volta permite-nos concluir que a língua portuguesa não é homogénea, [...], apresenta áreas mais ou menos extensas de variação, imputáveis a factores de diferente natureza. Consideramos em primeiro lugar as diferentes nações ou estados em que o Português é língua oficial. O Português falado em Portugal (denominado Português europeu, PE) e o falado no Brasil (Português brasileiro, PB) apresentam diferenças fonológicas, lexicais e sintácticas muito evidentes. (DUARTE, 2000, p.21).

O texto de Duarte é ilucidativo quanto ao fenómeno da variação no português, portanto, a variação pode apresentar-se aos níveis geográfico, histórico, sociocultural e situacional.

Variação geográfica: conhecida, outrossim, por regional ou, ainda, diatópica, é a diferenciação que a língua toma de acordo com as diferentes geografias em que ela é falada.

(do grego dia = “através de” + topos = “lugar”). Qualquer língua vai adquirindo aspectos próprios conforme se vai espalhando a partir da sua região de origem. Assim aconteceu com o latim que teve origem na região do Lácio onde se encontrava Roma e assim acontece com o português: o português do Brasil ou o de África apresentam diferenças em relação ao português de Portugal. (PINTO; LOPES, 2011, p. 22).

Verifica-se que as línguas, do ponto de vista da geografia, à medida que se expandem, diferenciam-se tomando contornos próprios das novas regiões. Por conseguinte, a língua portuguesa desfez-se em várias línguas portuguesas à medida que se expandia para os outros continentes.

Variação sociocultural: conhecida também como diastrática, é a variação que resulta das diferentes camadas que compõem a sociedade.

(do grego dia = “através de” + stratos = “camada, nível”). A língua falada ou escrita apresenta variações resultantes da existência dos diferentes grupos socioculturais, como por exemplo: nível cultural dos falantes, idade, sexo, grupo socioprofissional, habitante da cidade ou do campo, etc. (Ibid.).

Consequentemente, a situação económica, o nível de escolaridade e a zona residencial dos indivíduos são elementos diferenciadores da língua entre os vários estratos de uma determinada sociedade.

Variação situacional: cognominada, outrossim, de diafásica, é a variação que resulta da situação de comunicação. Portanto, o indivíduo tende a alterar o seu comportamento linguístico de acordo com a situação de comunicação formal ou informal.

(do grego dia = “através de” + phasis = “fala, discurso”). São as variações que resultam da situação em que os falantes se encontram. Com efeito, a pessoa que fala procura adequar aquilo que diz às características das pessoas que estão a ouvi-la, aos temas abordados, ao momento em que se fala, etc.: assim, não utiliza a mesma linguagem para o professor na aula e para os colegas no recreio, não fala da mesma maneira para as pessoas quando está ao pé delas ou quando lhes fala pelo telefone ou pelo telemóvel (neste caso utilizará expressões como “Está?!”, “Vou desligar!”, etc.). (Ibid.).

A variação diafásica é, portanto, a responsável pelo uso situacional da língua, ou seja, o indivíduo adequará a língua de acordo com a situação de comunicação a que se encontre.

Variação histórica: Também conhecida por variação diacrónica, é a variação resultante do tempo.

(do grego dia = “através de” + kronos = “tempo”) Sabemos que o português falado nos inícios da nacionalidade não era exactamente igual ao de hoje: muitas palavras pronunciavam-se de modo algo diferente de agora, outras desapareceram ou alteraram o seu significado, enquanto outras novas apareceram. (Ibid.).

Consequentemente, contrastando-se os falares de pessoas que tenham vivido em épocas diferentes, é possível detectar micro ou macro diferenças linguísticas. Portanto, a partir dos factores de variação acima elencados, pode dizer-se que a língua portuguesa sofreu variações em todos os seus níveis à medida que se tornou instrumento de comunicação e ferramenta de trabalho de diversos povos que compõem o mosaico linguístico lusófono.

2.Os desvios à norma padrão europeia: o caso da cidade do Luena

2.1.Perfil linguístico dos munícipes do Luena

Luena é uma comuna pertencente ao município do Moxico, município que abarca igualmente o nome da província. A comuna do Luena concentra 40% da população provincial, num total de 935.649 habitantes que compõem a província do Moxico. Portanto, a comuna do Luena é a cidade capital da província do Moxico. Linguisticamente, além do português, língua oficial do território nacional, a cidade regista um povoamento das populações bantu, desta diversidade de povos bantu, entre os maiores grupos que habitam a urbe da cidade e da periferia destacam-se os grupos cokwes, Luvalés, Ovimbundos, Lunda Dembo, Luchazes, Bundas e outros pequenos grupos. (MOXICO: CUTURA. WELCOME TO ANGOLA. 10. mar. 2023. disponível em <http://welcometoangola.co.ao>. Acesso em 18. mar. 2023.).

Linguisticamente, o português falado na cidade do Luena e nas suas periferias não apresenta grandes discrepâncias comparadamente com as variantes do português faladas noutras províncias que compõem o território nacional. Tal como as variações linguísticas do português faladas noutras regiões de Angola apresentam características peculiares, o português falado no Luena está igualmente imbuído de peculiaridades que se apresentam nos diversos âmbitos da gramática.

Se ao lado da língua portuguesa coabitam permanentemente outras línguas com as quais convive no mesmo espaço geográfico, então poderia concluir-se que o português que se fala na cidade do Luena sofre influências e interferências das línguas Luvalé, bunda, Luchaze, Lunda Dembo, Umbundo e acentuadamente do Cokwe, língua da maioria dos luenenses. Por conseguinte, poder-se-ia dizer que o Português falado na cidade do Luena apresenta interferências e sofre transferências das referidas línguas em todos os domínios linguísticos, porquanto, a maioria dos seus habitantes têm como língua materna uma destas línguas bantu.

2.2. Variação ao nível morfossintático

A variação é um fenómeno segundo o qual uma língua não é a mesma no mesmo território, porquanto, ela vai-se distanciando através de diversos factores, como o diatópico, o diacrónico, o diastrático e o diafásico, dir-se-á, então, que a língua portuguesa falada no Luena, em contacto com as línguas locais, apresenta características peculiares que se podem considerar desvios à norma padrão do português europeu. Deste modo, morfossintaticamente, denotam-se as seguintes variações ou desvios ao PE:

O usado numa variedade da Língua Portuguesa em Luena:

- *Aquele funje lhe guarda, vou lhe comer amanhã antes de ir trabalhar;*
- *Doutor, os pé me doem desde ontem;*
- *Na fila tem bué de gente e bué de cartão.*

O usado no PE:

- *Aquele funje guarda-o, vou comê-lo amanhã antes de ir trabalhar;*
- *Doutor, os pés doem-me desde ontem;*
- *Na fila há muita gente e com muitos cartões.*

Os desvios morfossintáticos acima são fortes evidências de que a maioria dos falantes do Luena pensam dentro do sistema linguístico das suas línguas maternas, Marques (1983, *apud* Nzau, 2011, p. 69) confirma-o quando diz que “o falante angolano raciocina dentro da lógica da sua língua materna. Para ele, o artigo português pode confundir-se com o prefixo e a sua função na língua materna”. Portanto, os falantes luenenses do português raciocinam primariamente dentro do sistema linguístico Cokwe, umbundo, Bunda, Lunda Dembo, Luvale e Luchaze, suas respectivas línguas maternas.

Sendo as línguas bantu caracterizadas por prefixos pronominais, onde o plural é feito antes (como nas palavras «Molu» e «Kulu», plural e singular de perna em cokwe respectivamente), os falantes luenenses do português transportam estas regras para o português que é uma língua cujas marcas de plural aparecem geralmente no término das palavras e nunca antes delas. Portanto, é um grosseiro erro de concordância pronunciar a frase da seguinte maneira: *Doutor os pé me doem desde ontem.*

Um outro desvio à norma do padrão europeu verifica-se ao nível da sintaxe da colocação dos pronomes clíticos átonos com a função de complemento directo e indirecto. Estes, nos falantes luenenses do português, são geralmente colocados na posição proclítica, ou seja, os pronomes são colocados canonicamente antes do verbo. Esta é também uma situação que resulta da transferência das regras das línguas bantu para a língua portuguesa. Para os falantes luenenses do português, é normal a seguinte

construção: Aquele funje lhe guarda, vou lhe comer amanhã antes de ir trabalhar. Verifica-se nesta frase duas incongruências atinentes à norma padrão da língua portuguesa, primeiro a anteposição do pronome em relação ao verbo e o uso do *lhe* em frases cujos verbos exigem um complemento directo, poquanto, para Jorge (2014, p.116) são formas do complemento directo “**me, te, o, a, se, nos, vos, os, as**” e são formas do complemento indirecto “**me, te, lhe, nos, vos e lhes**” portanto, segundo o padrão europeu, é inadmissível a substituição de um complemento directo pelo pronome oblíquo *lhe*, pronome substituidor do complemento indirecto.

2.3. Variação ao nível semântico

No que aos aspectos semânticos respeita, o português veiculado pelos luenenses apresenta vários desvios ao padrão do português europeu, que são igualmente motivados pela coabitação permanente entre o português e as línguas do grupo bantu veiculadas na região.

O usado numa variedade da LP no Luena:

- *O João lhe morderam feitiço e se matou;*
- *O carro vai dormir no Muconda e volta amanhã no Luena;*
- *O Pedro, meu chefe, comeu o meu dinheiro todo.*

O usado no PE:

- *O João foi acusado de feiticeiro e se matou;*
- *O carro vai passar a noite no Muconda e voltará amanhã ao Luena;*
- *O Pedro, meu chefe, gastou o meu dinheiro todo.*

As frases transcritas aqui são evidências de variações semânticas, pois, na primeira frase, o falante transfere completamente a semântica da língua *cokwe* para a língua portuguesa. A referida frase escrever-se-ia da seguinte forma na língua *cokwe*: João *kamusuma wanga mba yalixiha*. Na língua *cokwe*, é normal usar a forma *kamusuma*, *morder* em português, para significar acusar. Por consequência, é assim que pode dizer-se que houve uma transferência da semântica do *cokwe* para o português. Na segunda, em *cokwe*, escrever-se-ia da seguinte forma: *Maxinhi muipomba mu Muconda, muikahiluka hamene mu Luena*, para a língua *cokwe*, a forma *pomba*, *dormir* em português, pode ser empregada para objectos inanimados, no entanto, o que não é correcto em português, pois, o carro é um objecto inanimado e, portanto, não se pode a ele aplicar um verbo de realidade animada fora dos casos da estilística. Na última frase,

apresenta-se um desvio à norma do português também influenciado pela semântica da língua *cokwe*, porquanto, a expressão *cokwe kulia*, comer em português, pode ser empregue com o sentido de gastar em *cokwe*.

2.4. Variação ao nível lexical

Ao nível do léxico, verificam-se vários desvios em relação ao padrão do português europeu na língua portuguesa veiculada na cidade do Luena, registam-se interferências linguísticas e transferências de regras das línguas locais para a Língua portuguesa, algumas palavras são pronunciadas diferentemente do padrão europeu, fruto da coabitação permanente entre a língua portuguesa e as línguas bantu faladas na região.

O usado numa variedade da LP no Luena

- *Capiquena*;
- *Capracinha*;
- *Cabucado*;
- *Cacarne*;
- *Aquela lumanga*.

O usado no PE:

- *Pequenina ou pequeníssima*;
- *Pracinha*;
- *Pouquinho ou pouquíssimo*;
- *Carninha, carne pequena*;
- *Manga grande*.



Os exemplos supracitados evidenciam variações lexicais de palavras portuguesas que ganharam outros contornos em função do contacto que tiveram com as línguas bantu faladas na cidade do Luena e arredores. Assim, deste contacto, os falantes luenenses do português transferem o sistema de formação de palavras das suas línguas maternas para o português. As suas línguas maternas sendo caracterizadas por prefixos pronominais, os falantes tendem a transferir estas regras para o português na formação do diminutivo e do aumentativo. Portanto, os exemplos apresentados são variações do português do Luena ao nível do léxico.

3.As variedades linguísticas do português na promoção da norma padrão

A língua portuguesa apresenta variações em todos os seus níveis, as variações podem manifestar-se na fala assim como na escrita. Linguisticamente, todas as variações que uma determinada língua apresenta podem cognominar-se de normas. Adriano confirma-o ao dizer que “Pesquisas hodiernas parecem pender para o consenso segundo o qual não existe uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas que se distinguem segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias de comunicação.” (2015, p. 63). Por conseguinte, fica provado que, do ponto de vista da sociologia da linguagem, não existe uma norma única, porém várias normas que compreendem os diversos falares que compõem o tecido linguístico de uma determinada sociedade, também, evidentemente, fica a verdade segundo a qual cada uma dessas variações da língua funciona como norma dentro da sua respectiva comunidade.

O homem é conduzido pela natureza da sociabilidade. Para viver em sociedade, precisa de normas que possam definir toda a sua actuação social, assim também sucede com a língua, pois, do seio das várias variantes linguísticas, selecciona-se uma variante que se torna o ideal de comunicação da comunidade linguística. A variante seleccionada apelida-se de norma padrão e vigora na escola, na administração pública e serve como variante de unidade nacional.

A norma padrão é a “variedade social de uma língua (falada ou escrita) que foi legitimada historicamente enquanto meio de comunicação entre os falantes da classe média e da classe alta de uma comunidade linguística. É sinónimo de norma padrão.” (*Dicionário terminológico da Língua portuguesa*, 2009, p.17). No ensino da Língua portuguesa em contexto de permanente coabitação linguística, como é o caso da cidade do Luena, precisa-se possuir bastante sensibilidade, além das transferências e das interferências linguísticas, regista-se também a realidade da diglossia linguística, a par da norma padrão prestigiada, há, igualmente, um conjunto de variedades linguísticas marginalizadas.

Se o ensino da língua portuguesa enquanto língua segunda visa que os alunos adquiram capacidades comunicativas que os tornem locutores fluentes e que consigam interagir em português em contextos nacionais e internacionais, este facto implica contemplar, na sua planificação, três componentes essenciais, nomeadamente, a componente linguística (aprender a comunicar-se oralmente e por escrito como o fazem nas suas línguas maternas), a componente cultural (promover no ensino do português os

elementos idiossincrásicos das culturas locais) e a componente intelectual (reflectir sobre a língua, sobre os seus conteúdos e sobre a sua aprendizagem).

O ensino da língua segunda envolve mais do que o conhecimento específico da língua e da sua gramática explícita, saber falar na perfeição ou conhecer profundamente a gramática não resulta, necessariamente, numa boa competência profissional. Por esta razão, é extremamente importante que quem ensina a língua deva possuir uma competência profissional, isto é, ser detentor de uma formação pedagógica e científica, outrossim, é importante que se tenham programas bem definidos e materiais adequados.

Infelizmente, o que acontece nas aulas de língua portuguesa nalgumas escolas da cidade do Luena é a adopção de uma gramática normativa e de um método metalinguístico, que segue à risca as explicações da gramática, sem muito espaço para a reflexão da prática educativa que se ajuste às necessidades dos alunos. Muitas vezes, para além de respostas ocasionais e directas, os alunos têm poucas oportunidades para falar e mesmo quando o professor propõe actividades que simulem situações comunicativas, estas pouco ou nada reflectem a realidade quotidiana dos alunos ou sequer vão ao encontro dos interesses dos alunos e, por consequência, a situação leva os alunos a encararem as aulas de língua portuguesa como simples tarefas a cumprir para satisfazer o ego do professor e obter a aprovação para a classe seguinte.

Entende-se, assim, que, independentemente da metodologia e da gramática adoptadas pelo professor para o ensino da língua portuguesa na cidade do Luena, o professor deve conhecer a realidade linguística dos seus alunos e as diferenças existentes entre a língua portuguesa e as línguas bantu faladas na região; deve fazer o inventário dos erros provenientes das interferências resultantes do contacto linguístico e elaborar uma pedagogia preventiva que possibilite a preparação de conteúdos prográticos adaptados à realidade dos alunos. Olhando para a realidade multilingue luenense, além das metodologias canónicas e consuetudinárias, não se prescreve metodologias correctas para o ensino da língua portuguesa, entretanto, recomenda-se as metodologias utilizadas no ensino da língua segunda, aludidamente, o método cooperativo, o método contrastivo e o método bidialetal.

“Na aprendizagem cooperativa, há uma interdependência positiva, porque cada estudante só alcança as suas finalidades se os outros elementos do grupo também as atingirem.” (DE AZEVEDO, 2015, p. 48). Assim, transforma-se o ambiente de aprendizagem num espaço de cooperação heterogéneo e os alunos contribuem para a construção da aula e também para a construção da aprendizagem dos colegas, fazendo

com que a comunicação flua e, portanto, contribuindo para que todos aprendam a variante padrão da língua. A abordagem metodológica contrastiva visa efetuar o estudo comparativo dos sistemas linguísticos das línguas primeiras dos alunos com a língua portuguesa, objeto de ensino.

Esta análise deve ter em atenção os seguintes aspectos: O conhecimento das diferenças existentes entre os sistemas linguísticos em presença (línguas nacionais e língua portuguesa, veicular); O conhecimento e a determinação das dificuldades de aprendizagem do português que decorrem dessas diferenças; O inventário dos erros acusados, provenientes das interferências resultantes do contacto linguístico; A elaboração de uma pedagogia preventiva que irá possibilitar aos professores a preparação de conteúdos programáticos adaptados à realidade concreta dos alunos, insistindo nas dificuldades maiores. (MARQUES, 1985, p.18).

A metodologia de ensino bidialetal é usual em situações de diglossia linguística, isto é, quando existem duas variedades, sendo uma prestigiada e outra marginalizada, que é o caso do ensino da língua portuguesa na cidade do Luena.

"Diglossia" é o termo técnico para uma situação em que, na mesma sociedade, existem duas variedades linguísticas bem diferentes, uma para usos mais formais e a outra para usos mais informais. A primeira variedade mais formal é chamada "H", ou "variedade alta", e a mais informal "L", ou variedade baixa. A variedade alta é sempre uma variedade literária, tipicamente clássica, e costuma ser aprendida nas escolas e não em casa. A variedade baixa, em geral, não tem escrita, nem reconhecimento oficial. É a língua aprendida e falada em casa, no mercado e entre amigos. (MCCLEARY, 2009, p. 49).

Por conseguinte, o ensino da língua portuguesa no Luena está marcado por uma situação diglósica, conseqüentemente, deve-se fazer o uso do método bidialetal, mostrando a variante padrão e as variantes não padrão da língua. Assim, sublinhando que, quer a padrão, quer a não padrão, cada uma deve ser empregue de acordo com a situação de comunicação, promovendo, desta maneira, o uso social da língua ou a competência comunicativa.

Considerações finais

O presente artigo constitui-se como um farol para o conhecimento da realidade linguística luense e do ensino do português naquela parcela de Angola. Durante a investigação, constatou-se que, no ensino do português, se promove unicamente a gramática normativa sem a consideração dos contextos de uso da língua, não considerando, assim, a língua do aluno, as variedades linguísticas inerentes ao português

veiculado naquela circunscrição do país e promovendo conseqüentemente o preconceito linguístico. Outrossim, contrastadas as variedades linguísticas luenenses com a norma padrão europeia, achou-se muitas discrepâncias, porquanto, o português luenense, em coabitação e em contacto com as línguas locais do grupo bantu, apresenta diferenças morfosintáticas, lexicais, semânticas e fonético-fonológicas em relação ao padrão do português europeu.

À luz do acima exposto, o professor deve primeiramente conhecer a situação linguística dos seus alunos e da região e priorizar a aquisição da competência comunicativa. No processo de promoção da norma padrão, deve valorizar as variedades linguísticas veiculadas pelos seus alunos, entretanto, primar pela norma padrão, isto é, consciencializar os alunos que as suas variantes são válidas, porém no contexto escolar e noutros contextos públicos formais devem fazer o uso da norma padrão.

Por conseguinte, numa realidade de ensino como a luenense, marcada pela diversidade linguística, a língua de ensino encontra-se sempre imbuída de variação linguística e, por sua vez, é importante a valorização desta diversidade para se promover a norma padrão e a conseqüente aquisição das competências comunicativa e linguística.



Referências

- ADRIANO, Paulino Soma. *A crise normativa do português em Angola: Clitização e regência verbal*. Luanda. Damer gráfica. 2015.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro. Lucerna. 2009
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José Norma e variação linguística: Implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. *Revista internacional em língua portuguesa*. nº 32, p. 39-54, março 2022.
- BORREGANA, António Anfonso. *Gramática Língua portuguesa*. Luanda. Texto editores. 2012.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 21.ed. Porto: João Sá da Costa. 2014.
- DE AZEVEDO, Fernando José Fraga. *Metodologia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.2015.
- DUARTE, Inês. *Língua portuguesa: Instrumento de análises*. Lisboa: Universidade Aberta. 2000.

JORGE, Noémia. *Gramática português: 3º ciclo 7º, 8º e 9º anos*. Lisboa: Porto Editora, 2014.

MARQUES, Irene Guerra. *Algumas considerações a problemática linguística em Angola*. Luanda: Inald, ENDIPU/UEE, 1985.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO PORTUGAL. *Dicionário terminológico da língua portuguesa*. Lisboa. Dgidc. 2009.

MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Florianópolis. 2009.

NZAU, Domingos Gabriel Ndele. *A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização* (Tese de Doutoramento). Covilhã: Universidade de Beira Interior. 2011.

PINTO, José Manuel de Castro; LOPES, Maria do Céu Vieira. *Gramática do português moderno*. 13.ed. Lisboa. Plátano. 2011.

MOXICO: CUTURA. Welcome To Angola. 10. mar. 2023. disponível em <http://welcometoangola.co.ao>. Acesso em 18. mar. 2023.

Recebido em: 01/02/2024

Aceito em: 25/07/2024



Para citar este texto (ABNT): ALCINO, Abel. A variação linguística e os desvios ao padrão europeu no ensino do português em Angola: o caso da cidade do Luena. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, nº 2, p.81-94, ago. 2024.

Para citar este texto (APA): Alcino, Abel. (ago.2024). A variação linguística e os desvios ao padrão europeu no ensino do português em Angola: o caso da cidade do Luena. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (2): 81-94.